

---

## Pesquisa em revistas literárias no panorama dos estudos de edição: o caso dos anos 1970<sup>1</sup>

Paula Renata Melo Moreira MOREIRA<sup>2</sup>  
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG

### RESUMO

O presente trabalho visa discutir a importância da pesquisa em periódicos no panorama dos estudos de edição. Centra-se, especialmente, na investigação das publicações de literatura e cultura (revistas, jornais e suplementos) lançados no Brasil nos anos de 1970. Por meio do estudo de revistas, é possível traçar as redes de sociabilidade e perceber a remodelação dos campos de produção cultural/ artísticos/ intelectuais/ literários/ editoriais formulados a partir das publicações. Entretanto, a investigação deste tipo de material encontra alguns revezes na localização dos produtos, devido a configurações específicas do campo no período. Fruto da pesquisa “Periódicos literários brasileiros: anos 1970/1980 – edição e sociabilidades”, apresentar-se-á resultados parciais de localização de revistas em acervos públicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** periódicos literários; 1970; edição.

É inegável para a história da cultura letrada no Brasil a importância dos periódicos, sejam jornais, revistas ou suplementos. Pela configuração específica de nossa imprensa e formação de comunidades leitoras, o periódico acabou por se tornar veículo relevante na expansão da habilidade de ler, na divulgação de ideias e formação de uma esfera de debates capaz de agir na cena pública. É, segundo Ana Luiza Martins, um “suporte de relevância na disseminação da letra impressa no país” (2005, p.247). No âmbito da literatura ou mais amplamente da vida cultural, tal importância se amplifica na medida em que, a partir de tais publicações, é possível traçar teias de sociabilidade, *loci* de fermentações artísticas, redes editoriais, entre outras questões de relevância para o campo.

Entendemos, com a já citada Ana Luiza Martins, que a importância dos periódicos na cena pública “não se constituiu em processo isolado no Brasil” (2005, p.248). Aqui “essa publicação de caráter ligeiro, fácil impressão, custo baixo, passível de reunir vários assuntos numa só publicação, lúdica – em razão das possibilidades de ilustração –

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Literários pela UFMG. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, linha de “Edição, linguagem e tecnologia”, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, e-mail: [natamoreira@gmail.com](mailto:natamoreira@gmail.com).

constituiu-se na fórmula certa para o exercício do impresso entre nós” (MARTINS, 2005, p.248). É justamente pela análise contínua de cada uma dessas publicações periódicas que perfizeram o cenário editorial do século passado que a história e o campo cultural melhor se delineiam. Em direção a esse princípio, delimitamos, para presente comunicação, a década de 70 do século XX no Brasil – foco de nossa pesquisa.

Tal década para a história da imprensa no país é relevante na medida em que cruza concomitantemente vários cenários: o da repressão, da imprensa marginal, produção engajada, entre outros. Apesar de extremamente próxima temporalmente, a localização dos acervos das produções dessa época não é tarefa banal. A dificuldade de obtenção do material produzido na década de 70, por exemplo, é referida por Flora Süssekind, em seu *Literatura e Vida Literária*: “Mesmo tratando de um passado bastante recente, algumas vezes foi difícil ter acesso a livros hoje esgotados, publicações alternativas ou material jornalístico disperso” (2004, p.7). Tais dificuldades se devem, em parte, a uma característica editorial da época: edições, muitas vezes artesanais, eram de baixa ou baixíssima tiragem, contavam com distribuição deficitária e eram vistas como algo efêmero, não necessariamente sendo guardadas ou encaminhadas para acervos constituídos por aqueles que as possuíam.

É importante ressaltar que

o conteúdo das revistas (...) não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, o que pressupõe levar em conta as condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, as relações que manteve com o mercado, o público a que visava atingir, os objetivos a que se propunha. Tais aspectos ajudam a compreender opções no que tange ao formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa, ausência/presença de material iconográfico – bem como suas formas de utilização, natureza e padrões estéticos –, lugar ocupado pela publicidade, periodicidade e perenidade do periódico (DE LUCA, 2005, p.259).

Nesse sentido, a ênfase nos aspectos paratextuais se torna fundamental para a avaliação dos materiais citados.

No caso do recorte temporal, os anos 70, especificamente, são múltiplos, ocupados por tendências muitas vezes irreconciliáveis. A dificuldade seria, então, não incorrer numa categorização simplista, como a denunciada por João Adolfo Hansen:

Hoje analisamos os “anos 70” com base no ponto de vista do nosso conformismo neoliberal, que fala da cultura sem a política. Às vezes, classificamos “os anos 70”, “os anos 60” ou “os anos 80”, como se essas datas efetivamente significassem repartições nítidas realmente existentes. Com isso, apagamos o fato de que existem várias durações num mesmo tempo, e, em decorrência, dizemos “os anos 70” como se a expressão fosse evidente e, mais

---

ainda, como se nesse período tivesse existido uma unidade cultural, estética e ideológica. Não houve nenhuma (2005, p.71).

Ausência de unidade. Essa expressão parece fazer parte do conjunto de temáticas comuns relacionadas à época. Além desse termo, algumas palavras parecem remeter ao grupo léxico sempre repetido ao se falar dos anos 70. São elas: desbunde, contracultura, repressão, antiintelectualismo, postura antilivresca, “lixeratura”.

Uma análise das políticas de escrita perceptíveis pela leitura dos periódicos, obviamente, não pode se referir somente aos mecanismos linguístico-estéticos utilizados pelos artistas em questão para produzir e/ou referendar estas publicações. Uma intrincada rede de sociabilidade atua inescapavelmente nesse contexto para que se produzam embates formadores dos diversos significados que a literatura então assume, na medida em que “todo escritor (...) pertence a um campo intelectual dotado de uma estrutura determinada, por sua vez incluído em um campo de poder” (BOURDIEU, 2007, p.188). Identificar essas redes e perceber seus mecanismos relacionais pode ser um bom caminho para entender como se processa o fazer dos literatos dessa década tão conturbada.

Heloísa Buarque de Hollanda e Antonio Carlos de Brito, o Cacaso, refletem, no artigo “Nosso verso de pé quebrado”, publicado na revista *Argumento*:

As dificuldades que nos impedem de ter uma visão de conjunto da nova poesia brasileira são incontáveis. Nesta recente intensificação da nossa produção poética, parece predominar o caráter disperso e espontâneo de manifestações as mais heterogêneas, e que permanecem praticamente desconhecidas. A capitalização crescente de nosso mercado editorial tem significado para os novos autores um fechamento sistemático das possibilidades de publicação e distribuição normais. Na tentativa de superar este bloqueio que *os marginaliza*, tais autores são levados a soluções que por mais engenhosas são sempre limitadas. Já há quem fale de uma “geração do mimeógrafo”, de uma poesia pobre que se vale de meios os mais artesanais e improvisados de difusão, num âmbito necessariamente restrito. Há também o esquema de “consórcios”, que busca reproduzir no campo editorial o mecanismo já testado com sucesso na venda de bens duráveis de consumo. Ao lado disso, começam a proliferar os planos mais variados de produção independente. Lentamente vai se criando em nossos principais centros urbanos uma espécie de circuito semi-marginal de edição e distribuição, o que é certamente uma resposta política ao conjunto de adversidades reinantes (1984, p.81).

Heloísa Buarque de Hollanda e Cacaso tocam num ponto determinante para a atribuição do nome “marginal” a esta geração: a precariedade material da produção. Em geral, apenas sinalizada com o termo “produção alternativa”, tal período tem análise mais aprofundada por Cacaso e Heloísa ao deixar claro para o leitor que essa literatura independente surge como resposta ao fechamento do mercado editorial. Se muito se falou

sobre essa geração, relacionando-a a uma inexistência de posicionamento partidário e teórico, não podemos falar de uma ausência de política na produção literária marginal. Há que se levar em conta que seu próprio fazer, de certa forma, intui uma política de resistência às constantes negativas do mercado livreiro. Nesse extravasamento que funcionava, ao mesmo tempo, como ocupação de espaços, vêm à luz periódicos como *Raposa*, *Polo Cultural Inventiva*, *Nicolau*, *Código*, *Corpo Extranho*, *Almanaque Biotônico Vitalidade*, *Jornal Dobrabil*, *I*, *Navilouca*, *Muda*, *Polém*, entre diversos outros. É necessário lembrar ainda os embates sempre renovados entre a tendência de fundo marginal e o viés engajado, responsáveis por muitas publicações do período.

Por sua vez, sabe-se que o Brasil nos anos 80 vivia um momento de redemocratização pelo fim da ditadura militar. A assim chamada “década perdida” sucedeu um momento de efusão no lançamento de periódicos. Segundo Paulo Leminski, “os maiores poetas escritos dos anos 70 não são gente. São revistas” (LEMINSKI, 2001, p.89). Espaço de pluralidade, tais revistas vindas à luz nos anos 70 contaram com um cenário, por um lado, de endurecimento das enunciações ocasionado pela censura; por outro, de espraiamento das pequenas publicações, que ganharam força justamente pelo fechamento – em diversos âmbitos – dos veículos editoriais tradicionais. Leminski contextualiza o boom dessa imprensa:

jorraram nanicas na Idade das Trevas, sob a sombra do AI-5. Foi a idade da imprensa pobre, “povera”, precária, aquém dos padrões empresariais da banana-maçã (ou ouro) da imprensa vigente. E muito além dela quanto à independência de opiniões, contacto com as bases, contundência crítica e originalidade criativa. As migalhas de dinheiro que caíram das mesas da fatura do “milagre brasileiro”, talvez, consigam explicar alguma coisa da facilidade com que os pequenos jornais e revistas proliferaram nos anos 70. Com a alta do petróleo e a carestia geral, aventuras como as nanicas começaram a se tornar, financeiramente, menos prováveis (2001, p.91).

A dita imprensa nanica que floresceu nos anos 70 engendrou uma rede de relações na formulação de um repertório crítico, artístico, bem como na definição de um público leitor. Não que se sugira a partir de tal informação qualquer homogeneidade teórica ou de produção na concepção de tais revistas. Entretanto, pode-se perceber certo *modus operandi* compartilhado por grande parte dos produtores de então, ainda que suas produções efetivas sejam bastante diversas. Nesse sentido, temos periódicos interessados na elaboração artística, em formulações teórico-críticas, noticiosos, entre outros. Em sua maioria, são de curta duração, baixa tiragem, distribuição diletante, sem amparo ou subvenção externa que mantenha a realização.

---

Como aponta Leminski no trecho acima citado, todavia, o dito milagre econômico arrefece e, como seu sucedâneo, temos o esmorecimento das publicações periódicas. Assim sendo, não se tem mais na cena editorial alternativa o surgimento da imensa gama de publicações que desenharam a face da década anterior. Todavia, ainda se podem vislumbrar publicações mais rarefeitas, algumas dialogando com a década passada, outras apontando para a diversidade de caminhos que se tornará a literatura a partir de então.

Em relação à passagem da década (de 70 para 80), João Adolfo Hansen comenta, fazendo uma avaliação das perdas:

o desbunde era contraditório. Do positivo de sua contradição, valeria a pena lembrar que era generoso e tinha uma alegria feroz de resistência que perdemos desde os anos 80, quando a ditadura acabou oficialmente e o iupismo da tucanagem neoliberal substituiu o riponguismo e passou a administrar o negócio (HANSEN, 2005, p.76).

Sobre a questão da modificação no campo das comunicações, Regina Zilberman reflete:

Os últimos 25 anos da história política afetaram particularmente os mecanismos de difusão cultural, apresentando-se ao escritor na condição de temas e técnicas artísticas e singularizando o relacionamento da literatura com o público, com os efeitos marcantes nas obras individuais (ZILBERMAN, 1991).

Assim como os outros setores da sociedade, a produção de cultura não poderia deixar de sentir os efeitos do propalado processo de modernização. Segundo Zilberman (1991), meios avançados de produção intelectual e uma tecnologia dinâmica resultaram, entre outras, na expansão da cultura de massa. Um aspecto importante a se notar, também citado pela autora, é que a cultura, mais do que nunca, “passou a ser um segmento da vida econômica, interessando aos grupos financeiros que apoiaram a ampliação das editoras, investiram na publicação de livros (...) e aceitaram o intelectual enquanto um profissional competente e confiável” (ZILBERMAN, 1991).

Nesse ínterim, o jornalismo e a publicidade passaram a ser atividades recorrentes. Ainda é Zilberman quem diz:

O jornalismo (...) não era um campo profissional inédito; teve, porém, suas particularidades. Primeiro, por não se restringir à imprensa escrita: a multiplicação dos *media* ampliou as alternativas e colocou o escritor diante de uma diversidade de linguagens que afetou sua produção artística. O caráter empresarial daqueles, por sua vez, obrigou-o a abandonar a atitude contemplativa e purista perante a arte. Enfim, o fato de escrever para a televisão ou para uma revista de circulação nacional, elaborada em moldes avançados, permitiu chegar a um público de outra maneira inalcançável, conferindo-lhe uma popularidade até esse momento desconhecida (1991).

O que alcunhamos aqui simplesmente como “periódicos literários” compreende mais amplamente as revistas, jornais e suplementos culturais que se dedicavam somente

à literatura ou com ênfase nela, contendo em suas páginas gêneros literários e também ensaísticos, voltados para a reflexão dos fazeres poético-literários ou relacionados aos interesses do campo. O poema, o conto e as obras visuais são recorrentes nessas publicações. Por sua vez, o ensaio atua como suporte do texto literário, concebendo uma espécie de política de campo que legitima algumas produções.

Ao situar a importância das revistas, Alexandre Eulálio atenta para as dificuldades que tais veículos sofreram desde sempre: “De publicações dispendiosa, lutando com as maiores dificuldades para sobreviver, raramente alcançam o quarto ou quinto número se não dispõem de subvenção oficial” (1992, p.43). Tal carência, todavia, foi muitas vezes contrabalançada pelo engajamento de indivíduos e grupos, cuja atuação possibilitava a manutenção – ainda que sem periodicidades definida – de diversas revistas. Dessa maneira, percebe-se que, na e pela imprensa periódica, formularam-se diversas redes – de sociabilidade e editoriais – que permitiram a edição de jornais, revistas, suplementos e, *a posteriori*, mesmo coletâneas e livros individuais. Tais redes são fundamentais para que possamos entender os diversos movimentos ocorridos na década de 1970 na literatura, de modo que se evidenciem as teias que proporcionaram o alavancamento da produção poético-literária e ensaística de então.

Vista até muito recentemente como um momento de baixa produção poética e de difícil historicização, dada a proximidade temporal, a década de 1970 começou há pouco a ver uma fortuna crítica sobre suas produções ser realizada. Seria de imaginar que, dada a vizinhança temporal, as obras concebidas no período fossem de fácil obtenção. Entretanto, dadas as configurações específicas da produção de então, tais tomos precisam de um trabalho de identificação e mapeamento que permita a preservação do material, bem como sua avaliação crítica para a necessária configuração da história literária e editorial do período, bem como para deslindar as redes estabelecidas então, redes estas responsáveis por diversos desdobramentos posteriores na área da cultura.

Envolve-se aqui, necessariamente, a avaliação dos papéis da grande imprensa, bem como da imprensa de resistência e mesmo nanica – fundamentais para a compreensão da produção literária não canônica nas décadas citadas; sociabilidades – na medida em que estas desvelam uma série de encontros vitais para a produção dos periódicos e mesmo para a rara condição de manutenção destes por muitos números; redes editoriais – posto que estas saem do aparato tradicional das grandes editoras e atuam por outras formas de edição, incluindo aqui o autofinanciamento e a autopublicação, a distribuição diletante, a

produção em grupos, entre outras formas de resistência editorial e microeditorial; as fontes primárias como campo fértil de pesquisa nas áreas de edição, imprensa e literatura; a formulação e embate dos campos culturais/literários/editoriais/intelectuais de décadas muito recentes que ainda reverberam no *modus operandi* das gerações atuais; bem como a formação e atuação de intelectuais diferenciados já pela influência dos *mass media* nos anos 70 e 80, mas que ainda fazem da poesia/literatura impressa um canal expressivo e necessário de comunicação e remodelação da realidade.

A pesquisa dos periódicos literários que compuseram a década de 70 comportou busca nos acervos digitais de universidades, arquivos públicos e centros de pesquisa. O tema goza de considerável fortuna crítica acerca de alguns periódicos. Já há teses e dissertações que abrangem o período, enfatizando algumas revistas e suplementos. Na maior parte das vezes, redundam em artigos – estes mais plurais e abrangendo maior número de títulos. Nesse sentido, encontramos bibliografia específica sobre os periódicos *Argumento*, *Jornal Dobrabil*, *Código*, *Almanaque Biotônico Vitalidade*, *Navilouca*, *José*, *Artéria* e em conjunto sobre *Muda*, *Qorpo Estranho*, *Pólen*, *Raposa*, *Polo Cultural*, *Poesia em greve*, *Nicolau*, *Flor do Mal*, entre outras. Algumas figuram muito rapidamente em materiais de pesquisa. É o caso de *I, Viva Há Poesia*, *Atlas*, etc. É importante salientar que já há esforços de pesquisa transmoldados em livro, a saber: o de Omar Khouri (2003), *Revistas na Era do pós-verso*, que apresenta brevemente as publicações que vieram à luz no período; e de Sérgio Cohn (2011), *Revistas de Invenção: 100 revistas de cultura do modernismo ao século XXI*, que introduzem o neófito ao conhecimento dos periódicos, porém, não centrado no período de interesse de nossa pesquisa. Em todas as publicações, todavia, a constante menção à dificuldade de encontrar material.

É interessante observar que algumas correntes parecem se desenhar quando estudamos os periódicos do período, muito afeitas aos grandes grupos que, na cena literária, conviviam então. Nessa subdivisão, encontramos as revistas de invenção, as produções engajadas e as ditas marginais.

As de invenção são assim alcunhadas na esteira da denominação dada por Paulo Leminski. Esta, por sua vez, faz eco à revista do grupo concretista, *Invenção*. Caracteriza-se, prioritariamente, por preocupar-se com o projeto gráfico e aspecto visual, tendo, em geral, ênfase no constructo poético. Um exemplo marcante desse fazer é *Código*, editada por Erthos Albino de Souza. Segundo Denise Azevedo Duarte Guimarães (1983), analisando a poesia de invenção no Paraná – observação que pode ser levada para as

---

revistas de invenção – há três inquietações no entorno desse fazer. Interessam-lhes os procedimentos expressivos semânticos, fônicos e visuais e são, na maior parte das vezes, intersemióticas.

As engajadas, por sua vez, têm maior foco em um projeto de educação e politização dos indivíduos leitores, por meio de diversos gêneros, inclusive os literários. Constam nesse grupo alguns jornais ligados às esquerdas e movimentos sociais, de cunho informativo, mas também formativo. Minoriais aparecem nesse tipo de publicação: movimento gay, feministas, imprensa negra. Um exemplo de publicação engajada é a revista *Argumento*, vinda à luz entre 1973 e 1974. A literatura, aqui, faz papel coadjuvante.

Já as revistas marginais são aquelas que comungam do credo da contracultura, com todos os problemas que tal menção possa causar. Um exemplo notório é o *Almanaque Biotônico Vitalidade*, publicação do grupo Nuvem cigana. É importante asseverar, todavia, que tal subdivisão captura apenas o *cerne* do movimento, sendo as publicações, por vezes, bastante heterogêneas. Tal cenário complexifica o estudo dos periódicos.

A partir do levantamento do acervo de uma série de arquivos, constatamos a presença de periódicos literários/culturais da época – iniciados ou terminados nela – principalmente nos seguintes acervos: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional; Acervo da Biblioteca Nacional; Acervo FGV; Acervo da Superintendência de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário de Minas Gerais; Hemeroteca Biblioteca Digital UNESP; Repositório Digital do Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo; Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Hemeroteca Digital de Lisboa; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Federal do Amapá (UFAP); Universidade Federal de Brasília (UnB); Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A maior parte só dispõe das publicações em seus acervos físicos, embora constem os dados nas plataformas virtuais. Para além de tais acervos, um arquivo importante encontra-se na UFMG, especialmente relacionado ao Projeto “Coleção Livro de Artista”. Agrupado no último andar da Biblioteca Central da UFMG – campus Pampulha, encontra-se na seção de obras raras e especiais. Seu acesso é público, porém controlado por funcionários. Parte do material ainda se encontra em fase de catalogação



– muitas dos periódicos lá encontrados são originados de doações de professores e colecionadores.

Por fim, vale notar que, mesmo nesses acervos, a presença de periódicos é dispersa, pois nenhum dos arquivos públicos citados possui coleções completas dos títulos em questão. A maior parte encontra-se em acervos privados, cuja localização e consulta depende de diversas redes pessoais/profissionais do pesquisador, dificultando o processo de pesquisa. Nesse sentido, uma providência necessária para a pesquisa na área seria a edição fac-similar de tais periódicos, pois, ainda que se perdesse o aspecto original da publicação, as informações de projeto editorial e conteúdo seriam mantidas, possibilitando o avanço da pesquisa e a manutenção da memória acerca dessa década. Todavia, tais edições não costumam ser baratas, dado o projeto gráfico diferenciado de diversas delas, e, frente ao momento de retração do campo editorial, não parece ser esta uma possibilidade a curto prazo.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe; Sistemas de ensino e sistemas de pensamento. In: **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRITO, A. C. de; HOLLANDA, Heloísa Buarque. Nosso verso de pé quebrado. In: **Argumento**. n.3. Rio de Janeiro: janeiro/1974.

COHN, Sérgio. **Revistas de Invenção**: 100 revistas de cultura do modernismo ao século XXI. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2011.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

EULÁLIO, Alexandre. O ensaio literário no Brasil. In: **Escritos**. Organizadores: Berta Waldman e Luiz Dantas. Campinas, SP: Editora da Unicamp/São Paulo: Editora UNESP, 1992.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. Algumas considerações sobre a poesia de invenção no Paraná. **Letras**. UFPR: Curitiba. n.32, 1983. p.73-84

HANSEN, João Adolfo. Pra falar das flores. In: RISÉRIO, Antonio et al. **Anos 70: trajetórias**. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2005.

KHOURI, Omar. **Revistas brasileiras na era do pós-verso**: revistas experimentais e edições autônomas de poemas no Brasil, dos anos 70 aos 90. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

LEMINSKI, Paulo. O veneno das revistas de invenção. **Anseios crípticos 2**. Curitiba: Criar Edições, 2001.

---

MARTINS, Ana Luiza. Revistas na emergência da grande imprensa: entre práticas e representações (1890 – 1930). In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, N. (orgs.). **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura no Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2005.

SÜSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ZILBERMAN, Regina. Brasil: cultura e literatura nos anos 80. In: **Hispania** [Publicaciones periódicas]. Volume 74, n.3, set. 1991.